

BRAUNSTEIN, RUTH. *PROPHETS AND PATRIOTS: FAITH IN DEMOCRACY ACROSS THE POLITICAL DIVIDE*. OAKLAND, CA: UNIVERSITY OF CALIFORNIA PRESS, 2017.

*Ewerton Reubens Coelho-Costa<sup>1</sup>*

A obra *Prophets and Patriots: Faith in Democracy across the Political Divide*, de autoria de Ruth Braunstein, publicada em língua inglesa e ainda sem tradução brasileira, oferece um estudo detalhado e comparativo da religião dentro de movimentos sociais e lados opostos do espectro político nos Estados Unidos.

Ruth Braunstein é doutora e mestre em sociologia pela New York University, com bacharelado em Serviço Exterior pela Universidade de Georgetown, onde estudou cultura e política internacional. Atualmente é professora assistente no Departamento de Sociologia da Universidade de Connecticut (UConn); membro do corpo docente do Centro de Sociologia Cultural da Universidade de Yale e membro do corpo docente do projeto Humildade e Convicção em Vida Pública do Instituto de Humanidades da UConn. Atuando como socióloga cultural interessada no papel da religião na vida política americana, suas pesquisas exploram práticas, narrativas e ideais de ativistas em todo o espectro político.

Braunstein faz parte de uma nova geração de sociólogos que une expertise em sociologia da religião com outros campos de estudo, como sociologia cultural e os movimentos sociais, e nessa obra em particular ela ressalta os meandros que circundam a religião na sociedade e passa, com a ajuda de análise de outros campos, a observar as proximidades e as distâncias deles com a religião.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Sociologia no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará, Brasil (Bolsista Edital Capes/Funcap N.º 88887.190852/2018-00). E-mail: ewertonreubens@hotmail.com.

*Prophets and Patriots: Faith in Democracy across the Political Divide* está dividido nas seções que se apresentam a seguir: “1 Introduction” (p. 1-27); “2 Becoming Active Citizens” (p. 28-54); “3 Narratives of Active Citizenship” (p. 55-81); “4 Putting Faith into Action” (p. 82-117); “5 Holding Government Accountable” (p. 118-151); “6 Styles of Active Citizenship” (p. 152-178); “7 Conclusion” (p. 179-190); “Appendix: Methodological Notes Studying and Comparing Citizen Groups Ethnographically” (p. 191-200).

A obra passa a comparar dois grupos específicos da era Obama: os “*Patriots*” e os “*Interfaith*” – termos em inglês para Patriotas e Inter-religiosos –, que existem organizadamente nos Estados Unidos no período que compreende aos anos de 2010 a 2012.

As duas primeiras seções da obra iniciam com descrições apresentando como os discursos políticos e religiosos convergiram, em ambos os grupos, para construir um ideal normativo de cidadania democrática. Braunstein nomeia o grupo organizador comunitário de “profetas” e o grupo conservador de “patriotas”, delineando as diferentes teologias políticas de cada grupo.

O *Patriots* trata-se de um grupo conservador afiliado ao *Tea Party* – também conhecido como Partido do Chá (Coelho, 2012) –, é um movimento social e político dos Estados Unidos oriundo da ala radical do Partido Republicano dos Estados Unidos que se apresenta como um *mix* de conservadorismo (Lima, 2010), populismo (Halloran, 2010), ultradireitismo (Guedes, 2010) e libertarianismo (Ekins, 2011). Tem como missão atrair, educar, organizar e mobilizar concidadãos para assegurar políticas públicas consistentes partindo de três valores fundamentais: liberdade pessoal, liberdade econômica e futuro sem dívidas (TEA PARTY PATRIOTS, [201-]) – isso implica diretamente responsabilidade fiscal, governo constitucionalmente limitado e mercados livres. O *Patriots* foi organizado a partir do subúrbio de uma cidade mediana americana, tendo como membros principalmente residentes brancos; trata de adeptos de diversidade religiosa.

Enquanto o *Interfaith*, uma coalizão progressista comunitária, é apresentado como um grupo comunitário de organização religiosa localizado em uma grande cidade e afiliado à Rede Nacional PICO (Pacific Institute for

Community Organization, atualmente renomeando a si próprio como Faith in Action) (FAITH IN ACTION, [201-]), originou-se da organização de um amplo espectro de congregações de residentes urbanos com diversidade racial e ligados ao pensamento de esquerda, tendo missão: reconstruir comunidades e revitalizar a democracia, construir moradias acessíveis, melhorar as escolas públicas, aumentar o acesso aos cuidados de saúde, tornar os bairros mais seguros (FAITH IN ACTION, [201-]). Basicamente se explora na obra de Braunstein as formas como visões simplistas dos dois grupos divergem e se sobrepõem oportunizando análises sociológica interessante.

A terceira seção descreve narrativas da história norte-americana que cada grupo constrói para justificar por que seu conjunto de compromissos e abordagem à cidadania ativa cumpre o ideal da democracia americana. E nas seções quatro e cinco aparecem comparações e contrastes entre as práticas pelas quais os ideais de cidadania de ambos os grupos são promulgados, traçando como suas escolhas práticas são uma operação autoconsciente de seus “imaginários democráticos”.

No entanto, a quarta seção do livro, intitulada “Colocando Fé em Ação” (tradução literal para “Putting Faith Into Action”), surge como um dos capítulos mais interessantes por apresentar maneiras práticas pelas quais os dois grupos utilizam para agir e desempenhar seu papel religioso na vida democrática norte-americana, fazendo com que a autora compare as visões distintas de ambos os grupos, e evidenciar o papel do *Interfaith* em cultivar um movimento racial, socioeconomicamente e religiosamente diversificado com base em valores religiosos compartilhados ao mesmo tempo em que desenvolve uma visão progressiva de uma sociedade mais inclusiva e justa – o que antes poderia ser associado ao ativismo religioso dos cristãos evangélicos e à direita religiosa.

Como exemplo prático e de uso da diversidade do grupo *Interfaith* a autora menciona o caso de uma mulher de vinte e poucos anos chamada Farah: uma mulher muçulmana educada por judeus recrutada para trabalhar com católicos. Ela se juntou à *Interfaith* como organizadora da equipe depois de completar um programa de treinamento em organização inter-religiosa

dirigido por uma organização judaica; ela trabalha com pessoas de origens e credos diferentes e foi encarregada de se reunir com os membros da congregação diversificada do padre O'Donnell para facilitar reuniões regulares do comitê organizador local da igreja e desenvolver vários tipos de ações. Dentre os valores compartilhados por Farah, e que guiam seu trabalho, foram listados como valores compartilhados por ela, pela igreja que representa e pelos que são ajudados: justiça, dignidade humana, esperança, respeito, preocupação com os vulneráveis; e, cuidado com a juventude. Isso, particularmente, atraiu aqueles ligados ao movimento, e atrai olhares de outros que pensam que: não importa o Deus que você adora, mas em como você coloca sua fé em ação. Aqui, acredita-se que é essa visão compartilhada também por Farah que pode fazer um país mais justo ao qual que todos nós podemos chamamos de lar.

A sexta seção avalia como e por que julgamentos sobre o que fazer e como fazê-lo são movidos por considerações de como se conformar ao seu imaginário democrático. Enquanto na seção final, a autora pincela e discute como os grupos convergem e divergem uns dos outros, desvendando um quadro complexo e multidimensional da política democrática que rejeita as construções simplistas e binárias de bons e maus, vilões e reacionários.

São destacados ao longo do livro dois argumentos principais: 1) ambos os grupos compartilham preocupações com os cidadãos comuns, apesar de divergirem em suas posições políticas; 2) ambos contemplam a cidadania social como solução para os problemas encontrados em suas realidades, e ambos invocam fontes sagradas e a religião para exercer a tal “cidadania ativa” e responsabilizar as autoridades políticas pelos problemas encontrados. Para esses dois grupos, a cidadania ativa é um modo de democracia participativa que “funde a vigilância política com a virtude pessoal” (p. 7).

A obra de Braunstein apresenta ainda as conveniências analíticas do uso da “etnografia comparativa *multisite*” que pode ser uma poderosa ferramenta para o pesquisador na medida em que ele escolhe sites que permitem que as dinâmicas chave de interesse variem enquanto matem outros fatores estáveis; e fundamenta-se em lógica comparativa cuidadosa entre casos, orientado

pela literatura pertinente que se apresenta no texto a partir de categorias como relações sociais, estilo de grupo, imaginário democrático, religião civil e cidadania ativa. Neste quesito em particular, o texto de Braunstein surge como referência e modelo para os interessados em trabalhar com esse tipo de metodologia.

A dinâmica entre religião-cultural paralela e o contrastante dos universos morais que separam ambos os grupos é apresentada ao leitor de forma clara e coesa: as bases religiosas dos “inter-religiosos” são enquadradas dentro da prioridade da organização na inclusão religiosa, enquanto as bases religiosas dos “patriotas” são enquadradas pelo compromisso com a liberdade religiosa. Essas diferenças refletem nos imaginários democráticos de ambos os grupos ocasionando conforto dos dois grupos frente ao pluralismo religioso.

Embora seja um excelente trabalho de análise sociológica, o final da obra apresenta um pensamento otimista sobre a importância democrática da convivência de ambos os grupos, cujos cidadãos são encorajados a discutir e deliberar sobre os perigos e os méritos de problemas da sociedade.

Alguns pontos negativos podem ser encontrados com a leitura quando, por exemplo, retrata os evangélicos brancos norte-americanos como cidadãos não organizados ao estilo do *Interfaith*; ou mesmo, quando indica certa passividade política motivada pela deferência a outras elites, a especialistas e a políticos – isso, sem falar sobre a deferência a estrelas da mídia e às elites corporativas.

Braunstein ainda poderia ter explorado melhor a literatura apresentada já que o texto apresenta amplas literaturas sobre organização comunitária, mas dificilmente a autora se envolve diretamente com elas. Por exemplo, ela poderia ter discutido o tratamento do que se entende por interesse próprio, o papel da religião na dinâmica inter-racial e inter-religiosa de uma sociedade, o lugar dos discursos de ódio e o que implica deles nos conflitos religiosos. Ainda que seja evidente que Braunstein toca levemente em alguns desses pontos, ela não consegue situar ou avaliar o que observa à luz de outros relatos do mesmo fenômeno.

Ainda se observa que o texto apresenta ideias pós-seculares e identifica como práticas e crenças religiosas se coconstroem e estão entrelaçadas com crenças e práticas políticas; como formações religiosas e seculares existem em um *continuum*, e como combinações destas constituem múltiplos padrões de secularidade, mesmo dentro da mesma política.

Outra oportunidade que Braunstein deixar passar é a de não ter incluído os dois grupos estudados na categoria populista. Essa omissão surpreende quando se considera que a preocupação com o populismo era uma inquietação considerável durante a era Obama, período abordado pelo livro.

Contudo, Braunstein oferece ao leitor novas e excelentes visões sobre: a religião na vida pública da contemporaneidade; prática democrática revestida por fundamentos culturais e o uso dos espectros políticos voltados para a democracia e cidadania norte-americana. As práticas de cidadania ativa, mesmo com implicações políticas diferenciadas de ambos os grupos indica como a religião pode sustentar narrativas democráticas diferentes.

Considerando que o livro surgiu de um trabalho dissertativo da autora, ele é fluido para leitura, tendo linguagem clara e coesa. Por esse motivo, partindo da estrutura teórica bem escrita e fundamentada é uma fonte interessante para acadêmicos e pesquisadores que estejam se dedicando ao estudo da religião pública na América, e sua relação com a política.

## REFERÊNCIAS

BRAUNSTEIN, Ruth. *Prophets and Patriots: Faith in Democracy across the Political Divide*. Oakland, CA: University of California Press, 2017.

COELHO, Marcelo. Partido do Chá. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 jul. 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2qIAXFF>. Acesso em: 12 nov. 2018.

EKINS, Emily. Is Half the Tea Party Libertarian? *Reason*, Los Angeles, 26 set. 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2OGrXtV>. Acesso em: 12 nov. 2018.

FAITH IN ACTION. About Us. *Faith in Action*, San Diego, [201-]. Disponível em: <https://faithinaction.org/about-us/>. Acesso em: 12 nov. 2018.

GUEDES, Fátima. As estripulias da extrema direita americana. *IstoÉ*, São Paulo, ed. 2137, 27 out. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/2zO6CcQ>. Acesso em: 12 nov. 2018.

HALLORAN, Liz. What's behind the new populism? *NPR*, Washington, D. C., 5 fev. 2010. Disponível em: <https://n.pr/2T7T7gY>. Acesso em: 12 nov. 2018.

LIMA, José Antonio. As ideias da Tea Party. *Época*, Rio de Janeiro, 15 out. 2010. Disponível em: <https://glo.bo/2PoFZpq>. Acesso em: 12 nov. 2018.

TEA PARTY PATRIOTS. Our Vision. *Tea Party Patriots*, Atlanta, [201-]. Disponível em: <https://www.teapartypatriots.org/ourvision/>. Acesso em: 12 nov. 2018.

Recebido em: 07/03/2019

Aprovado em: 24/12/2019

